

UMA ONTOLOGIA FENOMENOLÓGICA

(continuação)

II. O Existente-Predicamental

A. Uma Determinação Analítica do Existente-Predicamental

Já foi estabelecido que toda pesquisa sobre o Ser da existência sobre o Ser enquanto Ser deve necessariamente iniciar-se por uma análise do existente-predicamental, pórtico para a compreensão do ontológico, do existente em que jaz a possibilidade de apreender o próprio Ser.

Este privilégio justifica-se pela própria capacidade de reflexão que possui o existente-predicamental, privilégio que resulta do próprio fato de todo inquirido de natureza ontológica ter a propriedade específica de implicar no processo da própria indagação o existente que interroga, privilégio afinal de contas impôsto pelos próprios dados do problema.

Aristóteles exprime esta mesma idéia no DE ANIMA, IV, 8, 431b., cf. Ibid. 5, 430a, onde ele diz: A alma (entende-se o existente-predicamental) de certa maneira torna-se (transforma) todas as coisas, no sentido do homem ou encontrar sua própria imagem já impressa na realidade ou de imprimí-la nela.

A análise fenomenológica do existente-predicamental fundamenta-se num estudo das dimensões deste mesmo existente-predicamental, numa explicitação do seu «POIÉISIS», do seu «PATHESIS», e do seu «PRAXIS», isto é, das suas potências criadoras, das suas passividades e da posição da sua liberdade, através da tomada de consciência de que não basta interpretar o mundo, cumpre transformá-lo. Procuraremos então descobrir, por meio de uma análise fenomenológica, o sentido deste conjunto de dados que denominamos na sua explicitação MODOS EXISTENCIAIS. É a especificidade e valor destes modos existenciais que devemos realçar. Tal é o objetivo da nossa analítica.

O existente sobre o qual esta analítica fenomenológica (analítica destinada a elucidar a estrutura da existência humana, como tal, do seu ser, para chegar afinal a um esclarecimento do Ser enquanto Ser) abre o seu interrogatório sou eu mesmo, e o seu ser é o meu.

Porém, esta ipseidade do Ser não significa nenhuma forma de solipsismo, mas aponta simplesmente o fato do tipo de Ser que pertence ao existente-predicamental ser tal que cada um de nós pode chamá-lo seu.

Todavia, o existente-predicamental não é, de modo algum, um existente já fixado no seu ser, como é o caso do existente a-predicamental, cujo ser é uma questão de indiferença, ou para ser mais exato, cuja existência é tal que seu ser não pode ser nem uma matéria de indiferença ou de preocupação, pois um tal existente é incapaz de tomar qualquer atitude a respeito. O existente-predicamental caracteriza-se no seu ser por uma relação permanente de instabilidade, resultado adquirido, sucesso cumprido (a não ser quando deixa de existir). O existente-

Mais do que o grande documentarista que foi, não só nos aspectos sociais de sua obra, como também psicológico de seus retratos, a pintura de Goya se impõe como uma renovação em tôda a arte de pintar.

Cada dia é mais êle próprio, muito mais distante do século XVIII, que deixa para trás. É indiscutivelmente, um solitário. Criador, inovador em todos os sentidos, diferente de tudo quanto até então se havia feito, sua pintura é guiada apenas pela intuição de seu gênio vigoroso, ao expressar com «símbolos próprios», os «símbolos primordiais» da Alma ibérica, para usar a linguagem ilucidadora de Oswald Spengler, na sua «Decadência do Ocidente».

A pincelada se liberta e vigorosamente estrutura a pintura; capta sòmente o essencial, valorizando o ritmo da composição. A côr surge luminosa, em surpreendentes efeitos. Lembremos os citados afrescos de «San Antonio de la Florida», em Madrid: êles surpreendem não sòmente pela unidade de desenho e composição mas principalmente pelo emprêgo livre da côr, pela extraordinária liberdade de técnica; alia, ao valor da pintura, o valor da documentação, valor que Renata Negri ressalta muito bem, em sua «Monografia sôbre Goya», escrita para a «Pinacoteca de los Genios», da Ed. Codex S.A., quando diz: «... en torno al milagro del Santo se congregan en masa, detrás de una banderilla fingida, las mil figuras de la multitud cotidiana madrileña: majas, mendigos, chiquillos, niñas, cada cual en su actitud más típica e espontánea.»

Na famosa série das «Pinturas Negras», as côres violentas, os negros densos, a liberdade total da técnica, as cenas monstruosas, horripilantes, projetam a inquietude de seu mundo interior disconforme, e que vem do inconsciente. Nunca até então ninguém ousara chegar a tanto; se encontramos, na História da Arte, pintores que se expressaram através de temas teóricos ou fantásticos, nenhum, até Goya, chegara a tal desenvoltura técnica: já se manifestava o próprio Expressionismo, bem anterior a Van Gogh! Uniu a uma técnica própria, — de desenho ousado e abstrato em muitos sentidos, de tons densos e terrosos —, tôda a perspicácia de sua observação aguda, quevedesca ou cervantina, e tôda a profundidade de seu intenso sentir. Técnica e tema se completam — como tantas outras vêzes no solo ibérico, sempre que seus filhos bem dotados se mantiveram fiéis a si mesmos, fiéis aos seus signos ancestrais —, e ambos dão à obra um sentido de grandeza até então desconhecidos, na pintura.

Estavam abertos os caminhos da pintura contemporânea: desde a pesquisa da côr, explorada logo depois pelos impressionistas, até as mais variadas formas de abstração.

-predicamental não é propriamente aquele que eliminou de si as contradições: é aquele que as utiliza e as incorpora numa tensão vital.

O existente-predicamental é situado natural e socialmente, mas é também aberto, ativo e capaz de estabelecer, sob o próprio terreno da sua dependência, a sua autonomia. Pois ele é o existente cujo ser está sempre colocado em jogo. Ele pode entrar neste jogo porque é fundamentalmente PODER-SER: pode sempre ser mais (ou menos) do que é, e seu ser-mais (ou ser-menos) depende dele. A liberdade torna-se assim um elemento constitutivo do seu ser, a liberdade de superar-se, a capacidade de auto-determinar o seu ser e que estende-se até à capacidade de suprimir a indeterminação onde tanto esta como aquela opção são possíveis; liberdade que implica em não tanto dominar a existência, mas sim ser o eco ou o ressoador da nossa relação com o Ser; reaprender a reencontrar a relação com o Ser, a opção inicial de que nascemos. A atuação desta liberdade representa um salto que se consuma pelo próprio fato da existência do existente-predicamental, e é um acontecimento desta mesma existência.

O tipo de ser do existente-predicamental difere fundamentalmente do ser do existente a-predicamental, existência esta bloqueada em si, fechada sobre si mesma pela própria inércia da sua determinabilidade total, opondo-se radicalmente à conquista contínua, que é característica da existência do existente-predicamental. Tudo o que o existente-predicamental é ou pode ser caracteriza-se e revela-se como dependendo de possibilidades sobre as quais ele deve e pode decidir. Ele se afirma na concretização dessas possibilidades.

É neste sentido que se verifica a célebre frase de Heidegger: «Das Wesen des Daseins liegt in seiner Existenz.» (SEIN UND ZEIT, 42) frase que quer simplesmente dizer que o existente-predicamental não pode ser dotado de uma essência definida de modo abstrato, que a sua essência não é senão sua própria maneira de existir, existência sobre a qual sempre pesa uma indeterminação fundamental. Esta essência é radicalmente inseparável da existência concreta.

Os próprios modos existenciais, longe de serem «propriedades» que o existente-predicamental possui, são diversas maneiras de existir concretamente que comprometem o existente-predicamental inteiro, e a interpenetração destes modos existenciais evidencia-se em termos da existência concreta do existente-predicamental. Estes modos são constitutivos da sua unidade vivencial.

O existente-predicamental apresenta-se sempre sob a forma de um EU. Ser EU significa tomar partido pró ou contra certas possibilidades que são próprias em mim, ressalvada a restrição de que estas possibilidades são parcialmente funções do não-eu. O ser-eu-mesmo não é um fato, mas sim uma contínua possibilidade que deve ter por contra-partido a possibilidade de decidir-me contra mim-mesmo.

Esta possibilidade de o existente-predicamental decidir-se por uma possibilidade autêntica ou inautêntica de si-mesmo oferece uma possível solução ao problema da conciliação entre o fato da aparência deste EU ser sempre a aparência de uma ipseidade capaz de uma vez conquistar-se ou de perder-se. Cada existente-predicamental é irreduzivelmente um EU, mas pode recusar-se a si mesmo.

O existente-predicamental é constituído pela capacidade da auto-determinação do EU, que consiste em situar-se a si mesmo num estado que é a negação do EU, e ao mesmo tempo não deixar de ser ele mesmo, isto é, não deixar de existir na sua identidade consigo mesmo, não estar ligado essencialmente a não ser a si próprio na determinação.

Todavia, o existente-predicamental não é tão acessível como se poderia pensar. O privilégio que lhe assiste de ser o ponto de partida para a compreensão do ontológico não supõe que seja mais fácil conhecê-lo que qualquer outro existente. Pelo contrário, o EU nunca é aquilo que se apreende em primeira instância; pelo contrário, é muitas vezes aquilo que se encontra em última instância. «O GNOTI SEAUTON» do oráculo de Delfos é, talvez, o imperativo mais difícil de realizar.

O existente-predicamental é, assim, considerado numa tal perspectiva o mais próximo, e ao mesmo tempo, o mais distante de todos os existentes que podemos considerar. Assim é que se verifica na existência concreta do existente-predicamental a aparente contradição notada por Agostinho:

Quid autem propinquius meipso mihi? Ego certe laboro hic et labaro in meipso; factus sum mihi terra difficultatis et sudoris nimii.)CONFESSIONES, X 16)

Noli foras ire, in teipsum redi; in interiore homine habitat veritas. (DE VERA RELIGIONE 39, 72)

É certo que temos em tôdas as circunstâncias um certo conhecimento de nós mesmos, mas êste conhecimento habitual está geralmente calcado, modelado sôbre o conhecimento que temos do mundo. Êste fato evidencia-se até o ponto de eu me conhecer quase que como uma coisa dotada de qualidades estáveis, coisa que subsiste imutável, etc. Esta compreensão de mim está constituída e dirigida por categorias tomadas de existentes a-predicamentais e convém pouco à realidade complexa e dinâmica que sou eu na minha realidade de existente-predicamental.

O existente-predicamental, o EU, não é uma coisa; é antes a unidade da experiência vital que cada um de nós, que cada EU experimenta. Não é uma coisa pensada atrás e fora daquilo que somos.

O objetivo desta analítica fenomenológica será, então, tornar patente e, por assim dizer, transparente o existente-predicamental através da descoberta da sua originalidade própria enquanto existente-predicamental para chegarmos à plena compreensão do Ser enquanto Ser.

B. O Existente-Predicamental em-situação

O modo existencial A PRIORI, o evidenciamento componencial e estrutura ontológica que fundamenta todos os demais modos existenciais do existente-predicamental, a primária determinação da existência do existente-predicamental, a cujo solo concreto tôdas as demais dimensões existenciais são remetidas, é o modo existencial dêste mesmo existente enquanto existente-em-situação.

Graças a esta «situação», o existente-predicamental está intimamente ligado no seu destino ao ser de todos os existentes que se encontram dentro do seu mundo. Esta ligação é ainda mais fundamental que a de sujeito-objeto. Mesmo a forma mais específica da modalidade sujeito-objeto que existe na relação bi-polar da compreensão pressupõe, como condição pré-ontológica o modo existencial do existente-predicamental em-situação.

O estar-em-situação é a primeira determinação, a determinação fundamental do ser do existente-predicamental. O modo existencial «estar-em-situação» aponta o horizonte necessário para a compreensão e a explicitação do existente-predicamental enquanto pórtico para a compreensão do ontológico.

Estar-em-situação indica o enraizamento mais elementar e o mais exigente

pressuposto da existência do existente-predicamental, e pelo próprio fato torna-se uma das mais difíceis de tôdas as realidades de explicitar .

O existente-predicamental, por estar em-situação, e como resultado das exigências da sua participação real ativa e natural no Ser, tem raízes inextirpáveis na existência de um mundo que guarda vivos certos tesouros do passado e augura certos pressentimentos do futuro. É neste sentido que o existente-predicamental é básicamente o «ZOON POLITIKON» do qual fala Aristóteles (cf. POLITICA 1243a). É na base desta mesma realidade do existente-predicamental que surge a Ontologia Política, cujo objetivo consiste em analisar o existente-predicamental nas suas tomadas de posição em relação a seu estar-em-situação com outros existentes-predicamentais.

O estar-em-situação nos permite vislumbrar o existente-predicamental enquanto fenômeno único, mas ao mesmo tempo de estrutura complexa, formada por uma pluralidade de elementos. Porém, todos êstes elementos junto com as suas características específicas, quaisquer que sejam, devem entender-se em termos de, e a partir dêste modo existencial primeiro e básico. Seu exame é, pois, o verdadeiro ponto de partida da analítica fenomenológica do Ser enquanto Ser.

A base da analítica dêste modo existencial encontra-se no próprio fundamento «existir-em». Nesta expressão, o EM significa habitualmente uma relação de contido a continente. Por exemplo, o livro está NA estante; A estante está NO quarto, que por sua vez está NA casa, etc.

Sob esta forma, o EM enuncia uma relação característica do existente a-predicamental com as suas dimensões matêrio-espaciais. Mas a função relacional quando afirmada do existente-predicamental deve ser entendida num sentido totalmente diferente.

A inerência do existente-predicamental no mundo, tal como se exprime através do modo existencial do estar-em-situação diz-nos de antemão que a existência humana não pode ser concebida senão em termos de uma relação de natureza recíproca com o outro, em interações e condicionamentos contínuos, relação esta impossível no caso do existente a-predicamental.

Desde o momento em que o existente-predicamental tenta apreender-se, é tôda a realidade do seu estar-em-situação que surge impreterivelmente tecida e constituída pelo outro. Antes de ser e para ser submetido às condições das suas possibilidades de existente-predicamental, é necessário que o outro aí esteja como relêvo, desvio, variante de uma única visão que é o estar-em-situação.

Sem êste outro organizado, que é o mundo, mundo que surge, que vem a seu encontro, por assim dizer, nenhum existente-predicamental poderia existir em-situação. Quando se afirma que o existente-predicamental está no mundo, sobrepassa-se infinitamente a constatação de uma simples situação de fato. Não há existente-predicamental sem que haja, ao mesmo tempo, uma relação a outra coisa distinta dele, sem que haja uma relação a algo absolutamente exterior, que uma vez organizado será o mundo da sua experiência. A condição humana que exige a ipseidade não exclui menos a ipseidade total. No plano dos relacionamentos inter-humanos podemos até dizer que a consciência de si pode atingir a satisfação só numa outra consciência de si.

O existente-predicamental, tal qual, está constitutiva e irredutivelmente orientado para algo, para um ALIQUID que não é êle mesmo. Falar da existência humana implica que se fale de esforço, de conquista, de luta contra uma resistência em

surgimento perpétuo e onipresente, que é, às vészes, necessariamente o inimigo e às vészes o aliado da nossa ipseidade.

Este fato surge como explicitação do nosso ser mais íntimo, como se pode ver olhando a resistência das forças da natureza, a impenetrabilidade da matéria, nossas tarefas, nossos cuidados, nossos deveres, a necessidade da resistência para conseguir êxito na luta pela existência autêntica. Um homem jogado sôbre sua pura ipseidade é, em todo rigor, impensável.

A exterioridade complementária à ipseidade transparece sob inumeráveis formas, mas tôdas estas formas inter-relacionam-se para formar a realidade que denominamos MUNDO, mundo êste que é o da luta dos homens, onde êles tem as suas histórias, sua derrotas, seus interêsses permanentes.

Não afirmamos que o homem está no mundo porque de fato encontra-se nêle: mas sim afirmamos que o homem está no mundo porque não pode existir se não estiver, até nas suas raízes mais profundas ligado ao mundo, e até reconciliado com o mundo no sentido hegeliano do termo.

O mundo em que existimos não é um elemento indiferente, em cujo interior se desenrola a existência humana, sem que haja uma interação de bi-polaridade entre ambas estas existências-a minha e a do mundo. Trata-se da vinculação mais íntima possível, vinculação constitutiva da minha ipseidade enquanto «PRAXIS» significativa, como o é igualmente da mundaneidade do mundo.

Esta relação é tão capital que o existente-predicamental tem consciência do seu estar-em-situação no mundo antes de ter plena consciência de si mesmo como um EU.

Segue-se, então, que o estar-no-mundo, esta inerência própria do existente predicamental em-situação não deve e não pode ser considerada como um atributo que se poderia distinguir de outros atributos, como uma propriedade de manifestações intermitentes. Não é uma coisa a mais que o existente-predicamental possui além da sua existência, pois não há momento em que o existente-predicamental pode dizer que ainda não está em-situação no mundo. O estar-em-situação condiciona fundamental e irredutivelmente o próprio Ser da nossa existência: é o lugar comum das nossas interrogações e dos nossos espantos.

C. O Ser do Existente que Existe-em-Situação

A analítica do existente-predicamental, enquanto existente em-situação leva à luz os modos existenciais dêste mesmo existente que são a Co-existência, a disposição de Interêsse Vital, a Compreensão, com os seus correlatos, a Verdade e a linguagem, e o elemento unificador dêstes modos, o engajamento.

I. A Co-existência

Constatamos que na vida quotidiana, o existente-predicamental encontra-se com o existente a-predicamental em forma de utensílio e que o remete constantemente para o outro que é o existente predicamental. Pois êste sempre tem um certo relacionamento com o existente a-predicamental, seja porque êle o fabricou, ou seja porque êle o emprega. Assim, por exemplo, um carro é o carro de alguém, que o escolheu a seu gôsto; uma casa pertence a alguém que a construiu segundo os seus desejos. Quando o sapateiro fabrica calçados, êle os faz para alguém que vai usá-los.

Considerando o existente-predicamental quotidiano na sua totalidade e na

sua originalidade, o mundo em que êle se encontra não pode conceber-se sem referência ao outro. O outro não é uma realidade que é dada posteriormente à experiência do nosso EU isolado. O outro é-nos dado precisamente e simultâneamente em função da nossa condição de existentes-predicamentais em-situação. Noutras palavras, a nossa existência é sempre co-existência. Tôdas as demais determinações da existência do existente-predicamental jorram, em conjunto, da sua básica determinação enquanto co-existente.

O modo estrutural ou modo existencial do estar-em-situação é simultâneamente uma co-existência porque o existente-predicamental desde que exista, vive numa certa abertura em que o outro se torna manifesto, seja êste outro um existente a-predicamental, seja êle um outro existente-predicamental.

Através da co-existência, o existente-predicamental elabora-se num sistema aberto e essencialmente inacabado, de tal forma que a própria contigência fundamental que surge desta situação e o ameaça de discordância, o subtrai à fatalidade da desordem e o impede de desaparecer, sob a única condição de que o existente-predicamental mantenha e multiplique a profundidade da sua inserção consciente na sua existência em-situação.

Porém, a co-existência não é a mesma coisa que a co-presença de dois existentes simplesmente dados. Assim, duas pedras, uma perto da outra determinam de fato uma presença, porque uma está perto ou «com» a outra. No entanto, o que torna possível a co-existência não é apenas a proximidade espacial de dois existentes, mas o seu relacionamento recíproco. Onde um relacionamento recíproco não é possível, não pode haver co-existência. É por êste motivo que devemos restringir o uso dêste termo ao existente-predicamental, àquele existente que é essencialmente um foco comunicativo cujos rastros se misturam com os do outro formando assim, uma só realidade através da qual a «fôrça das coisas» opera.

A co-existência aponta e pressupõe uma abertura para a existência de tal forma que só possa aplicar-se ao existente-predicamental. É êle, e só êle que é capaz de manter com os demais existentes um relacionamento que esclarece e dá sentido a êstes mesmos existentes. É na base desta abertura, que se explicita na co-existência, que êle é capaz de encontrar os demais existentes, de fazer irrupção no meio dêles. Esta abertura faz com que seja possível encontrar os demais existentes pois é ela que torna o homem livre para os existentes, que o capacita a deixá-los ser aquilo que são.

O ato de irrupção do existente-predicamental no meio dos demais existentes não é apenas um ato pelo qual êle se interpõe entre êstes demais existentes; pelo contrário, esta irrupção realiza-se de tal maneira que nela o existente-predicamental torna-se manifesto enquanto existente privilegiado. A zona de abertura é precisamente aquilo dentro do qual o existente-predicamental pode encontrar os demais existentes, e é esta mesma abertura que revela a essência e determina, de certo modo, a essência da sua realidade.

Mas qual é a base desta abertura? É precisamente a própria existência que é particular ao existente-predicamental, uma existência que, por natureza está aberta para todo o Ser. Esta abertura faz com que o existente-predicamental seja, conforme Heidegger, O PASTOR DO SER (cf. PLATONS LEHRE VON DER WAHRHEIT). O Ser deixa de sobrepujar o homem: êste se torna, estranhamente o seu portador privilegiado.

A situação histórica onde o existente-predicamental se faz e é feito, a realização da plenitude da co-existência que nasce do fluxo e no fluxo de compromissos pessoais e sociais, a situação histórica, este eco vindo de toda a parte que faz com que falando ao outro falamos também de nós, e falamos do Ser, mede-se pela maneira do existente-predicamental efetuar esta exigência de abertura que é, ao mesmo tempo, missão. É esta possibilidade de abertura histórica na co-existência que dá ao existente-predicamental sua dignidade e fundamenta a sua responsabilidade. Graças a esta posição de abertura, o existente-predicamental pode ser afetado pela presença de outros existentes e pode ao mesmo tempo assumir o sentido profundo de uma existência-em-situação como co-existência.

Na expressão «co-existência» (existir com) o termo «com» indica uma comunidade de existência. Para que eu possa existir com alguém, é preciso que haja uma certa comunidade entre ele e eu. É aquilo que nós temos em comum que nos liga um ao outro. Este conceito de comunidade difere fundamentalmente da idéia de comunidade como realidade que consistiria num simples relacionamento espaço-temporal. Por exemplo, aquele que ocupa a posição mais perto de mim no ônibus está comigo, mas não forma necessariamente uma comunidade comigo, e portanto não co-existe comigo.

As coisas que estão situadas umas ao lado das outras formam, de fato, um certo conjunto, mas seria exagerado falar em termos de comunidade num tal caso, pois a verdadeira comunidade ultrapassa toda concepção espaço-temporal. Meu amigo, que se encontra na Dinamarca, do qual eu recebo notícias raramente, é sempre meu amigo, forma uma parte da minha comunidade de amigos, ao passo que as pessoas que eu encontro no cinema, por exemplo, que têm uma proximidade física comigo, são para mim totalmente estranhas.

Para esclarecer o sentido mais exato desta modalidade estrutural que é a co-existência, citamos um exemplo comum. Eu estou num museu, olho para um quadro de Picasso. Um outro chega, olha o mesmo quadro e é igualmente ativado pela força de evocação do quadro. Sobre ele e sobre mim o quadro opera o mesmo efeito. Esta identidade de impressões experimentadas coloca-nos em contato, forma entre nós uma espécie de ligação vivencial que pode tornar-se a base de uma comunidade, de uma co-existência.

O que acontece? Olhamos o quadro juntos (um com o outro). O outro entra no horizonte da minha abertura. O mesmo existente (o quadro) torna-se naquilo que se tornou manifesto no meu mundo e no mundo do outro. É esta co-participação que constitui a base da nossa co-existência. Graças a esta co-participação temos algo em comum, o mundo. É sobre a base desta posse comum que se desenvolverá nossa comunidade sob as diversas formas da co-existência que se estende desde o amor e a apreciação recíproca até a indiferença consciente e o ódio.

Nunca há um existente-predicamental totalmente isolado. Desde que descobre o mundo, ele já descobre os outros que existem com ele, que estão abertos aos demais existentes no seu ser da mesma maneira como ele, e que, por conseguinte, entram num relacionamento recíproco, enquanto participam do mesmo mundo.

O mundo do existente-predicamental permite e até exige o encontro com o outro existente-predicamental ou existente a-predicamental. O existente-predicamental, ele próprio, na maneira de existir-em-situação NO mundo, onde pode ser encontrado, porque está inerente neste modo existencial do existir-em-situação

enquanto co-existente a reciprocidade de encontrar e ser encontrado. O existente-predicamental sempre existe COM.

Sobre a base da existência-em-situação, que não pertence só à minha existência mas à experiência do outro igualmente, o mundo é desde o início aquilo do qual eu participo com os outros. A situação intra-mundana do existente-predicamental é sinônima de co-existência.

Quando falo ou compreendo, experimento a presença do outro em mim e de mim no outro que é a pedra de toque do meu estar-em-situação na co-existência.

2. A Disposição de Interêsse Vital

O comportamento dos existentes-predicamentais entre si revela o elemento da existência-em-situação que podemos chamar de disposição de Interêsse Vital. Este termo engloba todas as modalidades do comportamento para com o outro. Mesmo o modo de deixá-lo de lado, de descuidar dêle, ou mesmo agir contra êle, são formas negativas dêste mesmo Interêsse Vital, que, como tais pertencem ainda a esta modalidade do existente-predicamental em-situação.

A própria estrutura do mundo é tal que o existente-predicamental não é primeiramente presente como sujeito isolado, ao lado de outros sujeitos ou objetos, mas se mostra na especificidade da sua existência-em-situação diferente do outro sujeito e objeto. É frente à tomada de consciência desta situação que cada existente-predicamental deve tomar uma atitude, atitude que se fundamenta no modo existencial, que é a disposição de Interêsse Vital.

O existente-predicamental existe originariamente com o outro, e este relacionamento é fundamentalmente caracterizado pela atitude de Interêsse Vital que, na sua forma positiva, comporta necessariamente o respeito e a valorização pessoal do outro em todas as suas formas.

O Interêsse Vital comporta também o caráter específico que faz com que o existente-predicamental possa ser esclarecido sobre sua própria posição no meio dos demais existentes, para os quais êle está aberto e no meio dos quais êle faz irrupção. Graças a esta disposição, o homem pode tomar conta da sua própria situação no mundo. Esta disposição esclarece o homem no sentido de lhe revelar mais exatamente o sentido da sua própria existência com relação aos demais existentes.

Sem o querer, sem que a sua existência seja o resultado de um ato livremente escolhido, o homem existe. Sua existência aparece-lhe como uma existência lançada entre a dos demais existentes. A disposição de Interêsse Vital revela-lhe a posição privilegiada que êle ocupa por vocação, a tarefa específica que só êle pode realizar. O existente-predicamental não está situado simplesmente entre os demais existentes como uma pedra ou cavalo; sua existência não é a de um FACTUM BRUTUM, mas sim, implica a possibilidade de uma realização existencial da sua própria existência.

O fato de ser disposto de tal ou de tal maneira dependerá sempre das modalidades da disposição de Interêsse Vital assumidas pelo existente-predicamental. Desde que percebemos qual é o papel desta disposição, não podemos aceitar que constitua um fenômeno secundário, fenômeno que poderia ser negligenciado. Pelo contrário, constitui um dos elementos mais essenciais da existência do existente-

predicamental. Esta disposição de Interêsse Vital representa um julgamento implícito contínuo sôbre a nossa auto-realização. Graças a esta disposição, o existente-predicamental pode revelar-se a si mesmo e auto-realizar-se de uma maneira muito mais original do que poderia fazer mediante qualquer reflexão puramente teórica.

O existente-predicamental é essencialmente um existente-em-situação, que assume a disposição do Interêsse Vital, e esta disposição revela a sua atitude para com os outros existentes-predicamentais, mas revela também a sua atitude para com o mundo e a existência a-predicamental. A disposição de Interêsse Vital é um modo existencial fundamental da revelação simultânea do mundo constituído pela co-existência com o outro, existente-predicamental e a-predicamental, e da própria existência do indivíduo que existe essencialmente em-situação.

É sôbre o fundo do mundo (no sentido de um complexo referencial ou estrutural- que surge o existente intra-mundano, e a subseqüente auto-realização, que resulta desta revelação preliminar do mundo, é constituída pela disposição de Interêsse Vital, situação fundamental ou modo situacional de um existente que assume peculiar colocação diante de circunstâncias e graças à qual pode trazer à colocação a tarefa por si próprio concebida.

Esta dimensão do existente-predicamental só pode realizar-se com sentido onde fôr compreendida enquanto decisiva realização do existente-predicamental e, ao mesmo tempo, como possibilidade fáctica.

3. A Compreensão

O terceiro componente estrutural do existente-predicamental em-situação é o da Compreensão. Esta Compreensão não é nada mais do que a explicitação do Logos, da inteligibilidade que possui o existente-predicamental, o sustentáculo da bi-polaridade «PRAXIS THEORIA», a explicitação do relacionamento do existente-predicamental com o mundo e a revelação dêste mundo numa existência radical anterior a tôda oposição.

A Compreensão aparece em primeiro lugar à consciência como um dado totalmente irreduzível a qualquer outro dado; é um dado «sui generis», totalmente diferente dos fenômenos fisiológicos dos quais o cérebro é a sede e que condicionam o pensamento.

Compreender significa entrar em relacionamento consigo ou com o outro, mas êste relacionamento constrói-se no próprio interior da nossa atividade cognoscitiva.

A Compreensão não atinge o objeto a não ser a partir do próprio relacionamento que ela própria implica.

No próprio modo existencial do Interêsse Vital há Compreensão. Pois a Compreensão é sempre indicativa de uma disposição e, inversamente, a disposição é sempre reveladora de um certo modo de compreensão.

A Compreensão de que se trata aqui nada tem a ver com qualquer explicação racional, embora tôda explicação deve necessariamente tomar por base o modo existencial que é a Compreensão.

Enquanto existente em-situação, o existente-predicamental encontra-se sempre perante uma revelação que evoca uma Compreensão, seja descobrindo-se a si

mesmo naquilo que é, e tal como é; seja descobrindo da mesma forma os outros existentes-predicamentais ou existentes a-predicamentais.

O próprio princípio da co-existência exige que nossa inteligibilidade ou Compreensão do mundo nos implique, e vice-versa. Em todo caso, o que sabemos do mundo não pode reduzir-se a uma simples representação ou réplica problemática de um original inacessível em si. A Compreensão do outro, do mundo, brota do nosso ser em comum com êle, e contribui, por outro lado, para determinar a êste, graças ao movimento, circular, que, sem cessar, vai da existência para a Compreensão, e desta para a existência.

Tudo isso impede que a Compreensão possa tomar a forma de um puro saber, destacado de tôda facticidade. O que haverá será Compreensão do mundo que segue passo a passo as diversas modalidades da própria existência.

A Compreensão é assim um «momento» da existência, um dos elementos constitutivos da existência do existente-predicamental em-situação. O existente-predicamental, enquanto existe, pelo próprio fato, submete-se a um MUNDO, que êle já encontra existindo num processo cognoscitivo, e esta submissão pertence essencialmente a seu ser.

Enquanto modo existencial fundamental, ou explicitação do logos do homem, a Compreensão é um modo básico do seu ser. Mas quando a Compreensão se concretiza nas suas diversas modalidades (por exemplo, explicar) a modalidade derivada deve ser interpretada como uma dentro de outras modalidades daquela Compreensão primária que é o fundamento de tôda explicitação ulterior do ser do existente-predicamental em-situação.

O existente-predicamental é tal que pode em cada situação compreender (ou alternativamente, não compreender) sua situação dentro da totalidade da realidade. Assim, êle pode saber aquilo do que é capaz, a soma das suas potencialidades. A Compreensão é, assim, o vínculo entre o existente-predicamental e o mundo, entre o Eu e o não-eu.

Não se trata na Compreensão de CAPTAR alguma coisa, porque não se capta senão um fato bruto, acabado. Mas nosso ser no mundo não é de maneira alguma um fato delimitável, discernível, como é o Ser da pedra, por exemplo, que se aponta, que se deixa captar. Não pode, então, o existente-predicamental ser «captado», mas sim deve ser INTERPRETADO. Trata-se, noutras palavras de interpretar a própria existência enquanto existência-em-situação.

Sendo o existente-predicamental na sua existência essencialmente um PODER-SER, a promessa de uma existência requalificada (pelo menos, dentro de certos limites, limites estabelecidos pelo próprio fato de o existente-predicamental ser lançado num mundo), a interpretação da sua existência refere-se necessariamente às suas possibilidades.

É neste sentido que a Compreensão não pode referir-se de modo algum, a um fim, já que as possibilidades do existente-predicamental são, por identidade, sua existência. O existente-predicamental é a soma das suas possibilidades. Todavia, quando o existente-predicamental procura interpretar estas possibilidades êle não deve perder-se em especulações puramente abstratas. Ele deve decidir-se sobre aquilo que êle será, porque as suas possibilidades interpretativas não deviam de distinguir-se das suas possibilidades de existência. A Compreensão não devia de deixar em nenhum momento o terreno da realidade positiva, mesmo quando tem em

vistas as possibilidades gerais da existência. Pois mesmo neste caso o existente-predicamental não deixa de lado as determinações ontológicas e óticas mais fundamentais.

Porém, nesta perspectiva não há a possibilidade de que permaneça aberta a porta para o arbitrário, que a existência se transforme numa sucessão incoerente, num fluxo incompreensível? O perigo será mínimo, se nos lembrarmos de que as possibilidades sobre as quais o existente-predicamental se interroga nunca são totalmente indeterminadas. O existente-predicamental existe no mundo, fato que já exclui uma multidão de possibilidades; e estas se restringem mais ainda na medida em que o existente-predicamental atua a cada momento da sua existência, criando sempre novas possibilidades e subtraindo-se de outras.

Porém, estas possibilidades não constituem nenhum poder «absoluto», pois o existente-predicamental está no mundo em-situação, e leva sobre si o peso das suas possibilidades já consumadas. Não há, e não pode haver para ele nenhum início radical, e muito menos ainda um «reinício».

A Compreensão não se identifica com nenhuma forma de «debate» interior que pesaria os prós e contras da questão. É o próprio ser do existente-predicamental que interpreta pela faísca do LOGOS que existe nele, que se lança para frente no caminho aberto da realidade. A Compreensão não é outra coisa senão a visão existencial deste caminho que se apresenta livre. É neste ponto que entra, não o livre arbítrio, mas sim a auto-determinação.

A meta deste modo existencial que é a Compreensão torna-se circunspeção e percepção da própria existência do existente-predicamental enquanto existente-em-situação. Neste sentido a Compreensão tem por dimensão essencial a PROJEÇÃO. Evidentemente, esta projeção nada tem a ver com «comportar-se para um plano», de acordo com o qual o existente-predicamental realizaria a sua existência, mas entende-se sempre em termos de POSSIBILIDADES, esboçadas de antemão, dentro dos limites daquilo que pode essencialmente ser revelado nelas.

Tôda Compreensão é, então, projeto-esboço existencial, de tal forma que podemos dizer que o existente-predicamental existe como poder-ser. O existente-predicamental projeta enquanto existe. O projeto-esboço apodera-se dos caminhos que ele próprio criou.

Este projeto-esboço não implica a apercepção explícita por parte do existente-predicamental das possibilidades que se desabrocham. A Compreensão existencial não é um debate sobre possíveis. Enquanto projeto-esboço ela é o modo de ser em que o existente-predicamental chega a realizar certas possibilidades e permanece aberto para outras.

A Compreensão representa, então uma construção e não alguma captação de algo já totalmente dado. O próprio Ser, a inteligibilidade, o sentido elaboram-se a partir das possibilidades de ação do existente-predicamental. Não posso atribuir Ser, inteligibilidade e sentido àquilo que me rodeia, a não ser por e relativamente à minha atuação através deste modo.

Evidentemente, esta construção que implica a Compreensão não significa nenhuma opção a favor do idealismo. Pois, é dentro dos limites radicais da própria existência-em-situação-no-mundo, limites impostos a uma tal elaboração pelo impacto dos existentes que se fundamenta e se revela a realidade deste modo existencial do ser elaborante. Mas, por outro lado, sem a luz do LOGOS, o existente-predicamental perder-se-ia no meio destes mesmos existentes.

A Compreensão não é uma segunda positividade, nem tem por objeto um mundo platônico que manifesta as suas riquezas sob um segundo sol. Pois, reencontrando o mundo no ser vertical, aquele que se encontra de pé perante o mundo, apreende-se numa dimensão em que a Compreensão ganha a sua verdadeira solidez.

O fato de possuímos conhecimento prático, científico ou filosófico fundamenta-se originariamente na Compreensão, entendida como característica consecutiva da existência do existente-predicamental. Todo o saber e todo o descobrimento do qual seja capaz o existente-predicamental acêrca dos objetos, de si mesmo, e ainda do Ser (objetivo último da nossa analítica) nascem e dependem da Compreensão.

Se podemos ter uma concepção do Ser em geral, isto é, se podemos formular uma Ontologia, êste fato deve-se à capacidade existencial da Compreensão. Graças à Compreensão, o existente-predicamental pode projetar-se sôbre o fundo escuro dos existentes numa visão que os esclarece. Neste sentido, a Ontologia recebe todo seu valor a partir de uma consideração da existência humana que a constrói. A Ontologia é uma obra humana que não se pode separar do obreiro. Podemos entender, então, porque um analítica existencial do existente-predicamental é o ponto de partida obrigatório de tôda Ontologia.

A Compreensão e o estar-em-situação são dois modos existenciais que possuem o mesmo grau de originalidade. Como não há nenhum existente-predicamental sem estar-em-situação, não há nenhum existente-predicamental sem Compreensão.

A Compreensão é sempre uma Compreensão intencional, inextricavelmente ligada ao estar-em-situação, ao qual o existente-predicamental encontra-se necessariamente ancorado. Graças à obra da intencionalidade, a Compreensão distingue-se de tôda relação do tipo causalidade mecânica e mesmo de tôda relação analítica ou sintética do formalismo lógico.

Até a relação com o Ser que chamamos de Verdade se produz na Compreensão, lugar natural de tôda evidência.

4. A Verdade

Hoje como outrora a filosofia começa pelo problema da verdade, e neste problema inicialmente se absorve. Desde o início da sua existência, a filosofia quis estabelecer uma equivalência estrita entre a verdade e o Ser. Segundo Parmênides, por exemplo, «TO GAR AUTÓ NOEIN ESTIN TE KAI EINAI» (Diels: FRAGM. DES VORSOKRATIKER, 5). Aristóteles não faz distinção entre a procura da verdade e a procura do Ser. Pensa-se sempre em alguma coisa, sôbre, segundo, a partir de alguma coisa, a respeito, ao encontro de alguma coisa. E se queremos resumir a noção clássica da verdade, encontramos o mesmo elemento nocional na base desta tese fundamental:

1. O juízo é o lugar da verdade;

2. A essência da verdade reside na conformidade do juízo com seu objeto.

Estas duas proposições, cuja origem se atribui a Aristóteles, estão presentes em tôda a época moderna do pensamento. Até o próprio Kant recebe-as sem objeções. Mas o que entendemos por conformidade quando afirmamos que a verdade reside na conformidade do juízo com o objeto ?

Evidentemente esta conformidade não passará de ser uma conformidade relativa a certos aspectos. Não pode ser total, porque em todo caso o objeto da

operação intelectual (o sentido do juízo) não é idêntico ao objeto que eu julgo. A conformidade visada e obtida através do juízo que será verdadeiro consiste no fato do conhecimento libertar o objeto tal como é. A relação de conformidade, característica da verdade é uma relação do tipo TAL-QUAL.

A conformidade entre o objeto e a consciência, lugar do juízo, consegue-se quando uma PRESENÇA vem preencher a intenção representada, a objectividade ou o objeto significados pela consciência. Mas como uma tal conformidade é possível e realizável? Como pode haver uma relação do tipo que acabamos de descrever entre o ser ideal do juízo e o ser real, o ser daquilo que é objeto do meu juízo? Para resolver êste problema, é preciso colocar-se na perspectiva daquele que julga, daquele que pretende julgar aquilo que existe na realidade e não simplesmente fixar-se naquilo que existe na consciência. Tôda asserção humana procura visar o real existente. Este fato é fundamental e não pode ser esquecido.

O indivíduo afirma que no ato de julgar, êle pode mostrar, tornar manifesto, ou revelar o objeto do seu juízo. Quando diz que o céu é azul, isto significa que o céu se mostra, revela-se azul, e que se pode descobri-lo como tal.

Implicamente isso significa que o objeto que o indivíduo julga, mostra-se tal como é em si. Noutras palavras, o conhecimento não é um processo em que o indivíduo faz comparações entre representações. Afirmamos que o objeto está descoberto, revelado na riqueza da sua própria realidade. Asserção judicatória que significa que o objeto do juízo mostra-se no seu ser.

O significado ontológico evidencia-se quando podemos constatar a adequação entre o sentido do objeto visado e o estado do objeto enquadrado no juízo. Noutras palavras, quando a experiência enche o sentido visado por completo. Isso significa que não pode haver significado ontológico, e portanto verdade (para os nossos atos) a não ser na PRESENÇA efetiva do objeto. Como o objeto não é necessariamente um objeto de percepção, presença efetiva não quer dizer imediatamente presença percebida (no sentido próprio desta palavra). Todavia como não há objeto ou significação que não se refere dalguma maneira ao real percebido, nenhuma presença efetiva conseguirá encher nosso visado sem referência a uma presença efetiva percebida.

O significado ontológico ou a verdade é o resultado de uma conformidade ou adequação conseguida, lembrada sempre a possibilidade de falar de um significado ontológico parcial ou gradativo, pois um visado intencional pode ser preenchido em parte e ser colocado em suspenso ou ser «contradito» por uma outra parte.

O significado ontológico é o resultado de um ato sintético que alcança uma síntese de coincidência. Pois ao mesmo tempo que o objeto enche (ou não) o meu visado, eu constato que o faz perfeita ou imperfeitamente; que há coincidência ou identidade entre um e outro. Este ato de identificação e de posição deve ter um correlato objetivo, isto é, a verdade. A verdade é, portanto, por natureza, relação e relação de identidade. A conformidade em questão será então a que existe entre o sentido global do juízo e a realidade que procura exprimir. A verdade será, então, a conformidade entre o ato significante e esta presença. É verídico o ato posicional ou o juízo quando a intenção se encontra adequadamente preenchida pela presença do objeto visado.

O objeto é o último critério da verdade, não o objeto bruto (a mesa, por exemplo) nem o juízo bruto (a mesa é redonda) mas sim, sua relação: o juízo A MESA É REDONDA colocado na presença de uma mesa que se mostra efetivamente redonda. Este objeto é então uma relação: a coincidência entre uma presença e uma significação intencional.

Todavia, o objeto percebido nunca se dá UNO INTUITO. Seu alcance é sempre em termos de potencialidade e de referências. Toda percepção (porque visa um objeto e não um **profil**) deve então tender a efetuar estas potencialidades, a explicitar estas referências. De tal forma que toda percepção implica constitutivamente um convite a percepções ulteriores, uma antecipação destas percepções.

Todo juízo implica, conforme a tradição aristotélica, dois elementos constituintes: o sujeito e o predicado, aquilo do qual se julga e aquilo que se julga. Todo juízo pressupõe essencial e necessariamente um objeto predicado. A verdade dependerá, então, da maneira deste objeto predicado ser visado e estar presente, da maneira deste objeto predicado ser-nos acessível.

A definição da verdade em termos da conformidade entre a consciência e o objeto não pode ser absolutamente primeira. Mesmo antes de enunciá-lo, tomamos posição sobre a abertura da qual gozamos a respeito do existente como também sobre a possibilidade do existente manifestar-se a nós tal como é. A consciência deixa de ser puramente representativa e conseqüentemente de pôr o problema da correspondência de uma representação puramente imanente a uma realidade exterior. É na presença intencional da consciência frente ao objeto que a verdade se constitui como fenômeno, fenômeno que se diferencia conforme os modos de presença do objeto e as diversas maneiras deste ser visado ou possuído, i.é, a verdade tem por ponto de referência uma concepção ontológica do existente. A percepção inaugura um processo em que a consciência se engaja totalmente e com todas as suas potências. Todas as categorias que caracterizam a consciência, i.é, intencionalidade, significação, protensão e compreensão, todas se manifestam desde a percepção e recebem dela sua primeira atuação.

Desde o momento em que a fenomenologia procura fundamentar-se na idéia de que o existente se manifesta tal como é, na idéia de presença como medida absoluta da evidência e, enfim, na idéia da intencionalidade da consciência, idéias que são funções uma da outra, desde este momento a fenomenologia rejeita a primazia da experiência puramente exterior. Encontramos a mesma idéia em J.P Sartre (cf. L'ÊTRE ET LE NÉANT p. 28: «La conscience est conscience DE quelque chose: cela signifie que la transcendance est structure constitutive de la conscience; c'est-à-dire que la conscience es porté sur un être qui n'est pas elle.» A Compreensão é um movimento em que a «coisa» dá ao espírito a facticidade daquilo que é, e onde o espírito confere à coisa seu sentido de verdade, a eleva à objetividade cognoscível e conhecida.

O juízo torna-se assim uma colocação em presença intencional, pois o conhecimento diz respeito às coisas e não às imagens ou conteúdos mentais de qualquer natureza que seja, sem ser ele próprio estas coisas. O ímpeto do conhecimento consiste em deixar surgir diante de nós o objeto enquanto objeto de nosso saber (de nosso juízo) (Em termos heideggerianos «Entgegenstehenlassen des Dinges als gegenstand» cf. VON WESEN DER WAHRHEIT p. 11).

A verdade ou correspondência do juízo com seu objeto não resulta, de maneira alguma, de uma assimilação deste objeto pelo sujeito, mas sim do fato do existente-predicamental ser essencialmente um existente aberto, em-situação no mundo. A capacidade de definir o verdadeiro é, em definitivo, a verdade da nossa própria existência.

A verdade, pròpriamente falando, não é, então, a simples verdade lógica, que consistiria apenas na racionalidade ou na coerência do pensamento consigo mesmo, no plano puramente formal. Sob o nível da pura idealidade podemos apenas construir edifícios conceituais em que haja coerência ou consequência entre as premissas e as conclusões, embora essa arquitetura racional não tenha conexão alguma com a realidade. Mas o tipo de verdade que nos interessa é o tipo de verdade que através da racionalidade do pensamento nos revela ou desvela a realidade, o ser das coisas.

O lugar da verdade é de alguma maneira a antecipação pela qual cada verdade adquirida abre um campo de conhecimento, e a reassunção simétrica pela qual concluimos um dever de compreensão ou um comércio com o outro e os contraímos numa nova perspectiva.

Dizer que há uma verdade é dizer que, quando a minha reassunção encontra o projeto antigo ou alheio e a expressão conseguida liberta o que estava desde sempre cativo, se estabeleceu na espessura do tempo pessoal e interpessoal uma comunicação interior pela qual o nosso presente se transforma na verdade de todos os outros acontecimentos cognoscentes.

Noutras palavras, a verdade não é o horizonte de uma série indefinida de procuras, nem uma conquista e posse intelectual do Ser. É antes um tesouro disseminado na vida humana, anterior a toda filosofia, e indiviso entre as doutrinas. É o apêlo que pode levar o homem a adquirir o verdadeiro sentido dos problemas teóricos e práticos com que estão confrontadas as nossas instituições, e quiçá à redescoberta do campo da verdadeira existência autêntica.

A aspiração à exterioridade radical, chamada por êste motivo ontológica, o respeito por esta exterioridade ontológica que devemos, antes de tudo «deixar ser», constitui a verdade em que a Ontologia alcança o Ser do existente na sua forma pre-teórica.

5. A Linguagem

Equiprimordial à Compreensão-Verdade e, por assim dizer, a sua própria explicitação, temos o modo existencial que é a linguagem, ou seja a maneira do existente-predicamental exprimir-se, projetar-se concretamente como existente em-situação.

Os gregos consideraram o homem basicamente como «ZON LOGON EXON», como o existente cuja existência é essencialmente determinada por esta possibilidade que é a linguagem, no sentido analítico de uma articulação viva do inerte, e no sentido dialético da translucidação da «PRAXIS» em relação a ela própria.

O LOGOS exprime-se na linguagem torna-se assim o lugar de transparência do própria Compreensão. A Linguagem torna-se assim o lugar de transparência do significado para o significante enquanto relação original com o ser exterior.

O estar-em-situação é no presente caso, como no caso dos demais elementos estruturais do existente-predicamental, a base da linguagem que toma e deve

tomar sua origem a partir de uma realidade exterior. Por exemplo, uma afirmação é uma afirmação DE algo, uma pergunta interroga SÓBRE algo, e éste algo é um outro existente-predicamental ou um existente a-predicamental ou o próprio existente-predicamental que se descobre existindo em-situação no mundo.

A linguagem torna-se raiz de comunicação pelo fato de o existente-predicamental tornar concreta a explicitação do seu estado de existente em-situação em relação constante e recíproca com outros existentes.

Podemos considerar a linguagem como «PRAXIS», como processo totalizante em termos da relação prática do existente-predicamental com sua situação. A «PRAXIS» é sempre linguagem porque o existente-predicamental não pode nem assumir a sua situação sem significar-se (cf. Sartre, CRITIQUE DE LA RAISON DIALECTIQUE, p. 181).

Falar significa agir, e esta bipolaridade leva ontològicamente o nome de significado, que é o existente-predicamental projeto que assume uma subjetividade no tríplice relacionamento sujeito-palavra-coisa, significado que não pode realizar-se a não ser na comunicação. Noutras palavras, a função dêsse instrumento que é a linguagem é a da comunicação. A linguagem é antes de tudo a ferramenta que permite às pessoas travar relações umas com as outras. Falar é tornar o mundo comum, criar laços comuns. A linguagem não se refere à generalidade dos conceitos, mas lança as bases para uma posse em comum.

A objetividade do objeto e o seu significado vêm da linguagem. Êste modo do objeto se possuir como tema que se oferece, implica o fato de significar; não o fato de mandar o pensador que o fixa para aquilo que é significado (e que faz parte do mesmo sistema), mas o fato de manifestar o significado, a origem do sinal, uma alteridade absoluta que no entanto lhe fala, e pelo próprio fato, tematiza, i.é, propõe um mundo.

O relacionamento do indivíduo com o significado é idêntico ao do indivíduo com a história .A expressão dêste significado define a posição do sujeito em relação ao significado, unifica os diversos níveis da dialética histórica numa práxis agente e totalizadora das condições de possibilidade do próprio significado e a sua imanência no todo da existência em-situação. O fenômeno central da linguagem é efetivamente o ATO COMUM DO SIGNIFICANTE E DO SIGNIFICADO.

O outro é um dos elementos constitutivos do meu estar-em-situação e o mediador indispensável entre o significado e o significante. Esta exigência encontra o seu prolongamento na palavra escrita e na leitura correspondente que não é outra coisa que o outro tornar sua a palavra, que assistir a êste significado reassumindo-lhe os significantes. A obra, nêstes termos, assume as dimensões de um sistema de significantes referentes a instaurar para o leitor.

A linguagem é a concretização, a matéria sonora unida por um conjunto de práticas do pensamento enquanto práxis comum e reveladora que não tem outros instrumentos a não ser as palavras, mas que, desde que ela efetua o trabalho de reciprocidade escamoteia essas palavras em proveito da coisa dita. As palavras são instrumentos e através delas, o existente-predicamental se completa, se liberta.

Quando esta atitude singular (que supera, em direção ao mundo, o instrumento de que se serve) deixa de se manifestar, a palavra reaparece em seu pêso material como pura negação do significado, isto é, reaparece como uma determinação sonora ou visual que não conduz senão a outras determinações da mesma

ordem, perdendo assim seu poder de operação, seu valor instrumental, o seu poder de intuir na história na sua temporalidade.

Todo o pensamento vem das palavras e para elas regressa, toda a palavra nasce em pensamentos e nêles termina. O meu pensamento não seria capaz de dar um passo se o horizonte de sentido que abre não se tornasse, pela palavra, práxis. Todos quantos amamos, detestamos, conhecemos ou somente entrevimos, falamos pela nossa voz.

A existência objetiva do mundo inter-implicada na própria existência subjetiva, isto é, a sincronia que envolve a diacronia, que enquanto tal é oferecida a todos os homens sem condições, só pode adquirir a objetividade vivencial da doação de sentido desde que se enriqueça com as repetições sensíveis incarnadas constitutivas da linguagem. Nesta encarnação sensível ocorre a «localização» e a «temporalização» da mesma (a palavra), cujo sentido de ser não é local ou temporal. A palavra torna-se instrumento de encontro, instrumento para compreender a presença do outro no mesmo mundo, e no próprio exercício desta palavra aprendo a compreender. A finalidade da linguagem é exterior à própria linguagem: ela está na sua realização.

A palavra realiza uma localização e uma temporalização de um sentido ideal. A palavra objetiva abre à pluralidade dos sujeitos, a título de conceito ou de proposição, o que antes apenas era uma formação interior a um sujeito. Há assim um movimento através da linguagem pelo qual a existência ideal encarna na localidade e na temporalidade, e um movimento inverso pelo qual o ato de falar aqui e agora funda a idealidade do verdadeiro. A palavra é uma realidade combinatória formal dos signos por uma ligação ao real duplamente assegurada pelo significado ou coisa e o significante. A linguagem até se supera na coisa no esforço em direção ao Ser, sempre retomado, nominável, decifrável.

Na experiência que tenho do outro, mais claramente (mas não diversamente) do que na da palavra ou do mundo percebido, apreendo inevitavelmente a minha corporiedade como uma espontaneidade que me ensina aquilo que não poderia saber se não por ela.

O aparecimento da linguagem, isto é, um sistema finito de sinais que se pretende em princípio capaz de captar todos os existentes que se apresentassem, realiza de fato uma parte importante deste projeto, e, abrindo novo campo de verdades, prorroga por mais tempo o pacto que aparece às vezes chegar ao seu termo. Isto só é possível mediante o mesmo ato intencional pela qual o outro nos é dado, e com ele, o fenômeno da verdade.

Através da linguagem o existente-predicamental é interrogado em nome de um significado histórico do real e de um esforço em direção ao Ser, sempre retomado, nomeável, decifrável; de uma lógica do real, da qual ele surge como a encarnação, o signo. É a partir do existente-predicamental que nasce o significado, de um existente-predicamental definido por uma situação, mas para quem e por quem se organiza a situação, o homem mediato, livre na escolha que ele faz de ignorar ou saber, aceitar ou combater.

O significado fundamenta-se sobre uma práxis constituinte do sujeito. O existente-predicamental é o centro a partir do qual se pode conhecer o todo uma vez que nele repousa a práxis criadora de sentido e que ele reconhece na transparência da linguagem a presença da sua própria existência.

A linguagem é a moradia do Ser; o pensamento não é apenas o engajamento na práxis por e para o existente no sentido do real da situação presente. O pensamento é o engajamento por e para a verdade do Ser.

É a linguagem que cataliza, por assim dizer, o existente-predicamental em-situação na sua Coexistência, na sua disposição de Interêsse Vital, na sua Compreensão, no seu Ser.

6. O Engajamento

A analítica fenomenológica do existente-predicamental tem por primeiro objetivo levar à luz, pôr em evidência os elementos estruturais dêste mesmo existente, esclarecer, por uma análise detalhada, êstes mesmos elementos. Neste contexto, aliás, o vocábulo «elemento» perde seu sentido estrito e mais habitual; é preferível falar aqui de MODOS estruturais de um mesmo todo, que é o existente-predicamental.

Trata-se, então, de descrever o processo pelo qual se efetua esta unificação de síntese. O fenômeno, que manifesta de maneira exemplar esta unidade, é o modo do engajamento existencial.

O modo estrutural do engajamento revela-nos o existente-predicamental, existindo efetiva e ativamente sob a forma de um existente em-situação. É neste modo existencial que vemos o existente-predicamental projetar-se pela Compreensão e a sua explicitação na linguagem pela «PRAXIS» para as diversas possibilidades das quais dispõe. É neste modo existencial que vemos o existente-predicamental ativar a sua liberdade, optando pró ou contra si, como pessoa e como co-existente.

Cada um dos seus atos, e, de modo geral, cada um dos seus modos de atividade reduz-se a uma ordem de objetivos que leva o existente-predicamental em última análise, para um PARA QUE final que é, ao mesmo tempo, uma certa realização que se articula no engajamento. Esta realização atualiza-se no mundo de todos os dias e não só nos «grandes» momentos da existência.

Assim, o existente-predicamental não é totalmente determinado no seu poder-ser, mas deve assumí-lo e explorá-lo em tôdas as suas implicações.

No engajamento, o existente-predicamental encontra-se face a face com a possibilidade radical de seu ser, com a raiz de sua existência, apreende o seu destino. É neste modo existencial que êle assume o preço da sua existência e percebe, ao mesmo tempo, sua precariedade; encontrando assim a condição existencial-ontológica que torna possível a liberdade para as possibilidades existenciais autênticas.

É o engajamento que possibilita o retôrno do existente-predicamental a si mesmo, abrindo as dimensões fácticas atuais do próprio existir, que por sua vez abriga uma auto-remissão de possibilidades alcançadas.

O engajamento é o fio condutor da interpretação da existência do existente-predicamental mediante o qual opção e preenchimento das possibilidades existenciais tornam-se reais.

D. A pluralidade dos existentes-predicamentais e o problema do Impessoal-

Quem é exatamente êste existente-predicamental sôbre o qual indagamos? É único? É realmente sob tôdas as formas um EU? Antes de precisarmos em que

consiste a existência inautêntica, ou autêntica, explicitação esta iluminadora de todos os modos existenciais, devemos precisar o sentido exato do termo «existente-predicamental» i.é., o sujeito da existência humana.

Dissemos no início da nossa analítica, que o existente-predicamental é EU MESMO, é CADA UM DE NÓS. A ipseidade pertence por si ao existente-predicamental. Para a linguagem corrente este termo «ipseidade» aponta uma realidade que permanece idêntica através de mudanças incessantes, substrato, por assim dizer, fechado e imutável. Porém, mostramos que o existente-predicamental não é um ser dado de uma vez para sempre, mas sim um conjunto de estruturas e qualidades dinâmicas.

Qual é, então, o sentido exato do EU? É evidente que o existente-predicamental não é simples, pois dispõe de várias interpretações de si mesmo que correspondem aos diversos modos da sua existência.

Ser EU significa acima de toda individuação vindo de qualquer sistema de referências, ter a identidade como conteúdo. O EU não é um ser que permanece sempre o mesmo, mais sim, o ser cuja existência consiste em identificar-se, em encontrar sua identidade através de tudo o que lhe acontece.

Esta identidade realiza-se num mundo. Se não há eu sem o mundo, não há igualmente eu sem outro eu. De fato, a descrição do mundo a nosso redor implica necessariamente a existência de outros existentes-predicamentais. O terno, por exemplo, implica a existência do alfaiate e o seu freguês. O livro que escrevo, o navio que vejo ancorado no pôrto, todos estes utensílios são referenciais que têm por correlatos uma pluralidade de existentes-predicamentais: leitores, marinheiros, consumidores, etc. que existem no mundo.

O mundo em que existo não é somente constituído de existentes a-predicamentais, ou utensílios, mais inclui essencial e correlativamente outros existentes-predicamentais que, como eu, são existentes em-situação no mundo. Estes outros existentes-predicamentais acompanha-me ao passo que os existentes a-predicamentais me servem. Eu junto com os outros existentes-predicamentais, constituímos o modo existencial da co-existência. Eles não se «opõem» a mim, eu existo com eles até no âmago do meu ser. Meu existir é essencialmente uma existência em comum, com o próximo. Existir, para o homem significa impreterivelmente existir com outros homens. O próximo não é um «outro» no sentido de ser um estranho. É um co-existente.

Um olhar sobre os fatos confirmados pelo estudo dos princípios revelam em cada existente-predicamental uma dependência radical e insuprimível com relação ao outro. Evidentemente cada um procura distinguir-se dos outros por todos os meios ao seu alcance, mas sem, todavia, conseguir conquistar uma independência total. Contudo, quando me pergunto a quem sou submetido em particular, não consigo responder.

No caso da minha situação com respeito a João, Paulo, ou Marcos sou capaz de libertar-me de cada um deles, mas só para colocar-me sob o domínio de um outro. Pois a minha existência é essencialmente heterônoma. Tenho que dormir durante a noite numa casa etc., feita por alguém, e trabalhar durante o dia com outros homens se quero que meus negócios prosperem.

Evidentemente, podemos, recusando a situação, libertar-nos da submissão a cada uma das nossas obrigações em particular. Mas esta atitude liberta-nos apenas

para outras possibilidades, suspensas em outras condições. Noutros termos, é impossível uma independência total, radical no caso do existente-predicamental, mesmo que não seja dependente de uma ou outra situação circunstancial.

Este poder impessoal, este sujeito neutro que nos domina, é de tal natureza que ninguém lhe escapa. Por ele a mínima tentativa de originalidade é abatida pela base, ou paga-se com uma dependência ainda maior noutros domínios. Esta tirania do Impessoal leva inevitavelmente à banalidade da mediocridade.

O Impessoal dispõe sempre de uma medida comum, aplicável a todos os casos possíveis. Esta medida comum DEVE ser respeitada, pois para atingir os seus fins, o Impessoal dispõe dos mais variados e irresistíveis meios de coerção. Tôda e qualquer exceção será impreterivelmente aniquilada, tôda novidade considerada perigosa. E este nivelamento universal prossegue com pertinência. Tôda originalidade e até a própria personalidade são combatidas sem trégua.

Intervindo em tôda a parte com auotridade, o Impessoal tira de cada um o sentimento da sua responsabilidade. Prescreve o que se deve fazer em tal ou tal caso. O resultado desta atividade de nivelamento será de tirar de todos a responsabilidade sob o pretexto ilusório de que todos são responsáveis. Mas, onde todo o mundo é responsável, ninguém é responsável. Como prêmio da nossa falta de responsabilidade e coragem, o Impessoal dá-nos uma pseudo-segurança e repouso.

Levando os elementos constitutivos desta situação à luz, mediante a análise fenomenológica, descobrimos quem é este «Impessoal» dotado de tanto poder de dominação. É o próprio existente-predicamental na sua existência inautêntica.

Para tornar-se realmente livre do domínio do «Impessoal», o existente-predicamental deve optar em primeiro lugar para uma existência autêntica, tornando-se aquilo que está destinado a ser. Neste caso, o existente-predicamental forçará uma modificação e até uma transformação da sujeição que o Impessoal lhe impõe.

E. A modalidade inautêntica da existência do existente-predicamental.

Cada existente-predicamental é irredutivelmente um EU, mas pode recusar-se a si mesmo na alienação, na possibilidade inautêntica de si. Pois a própria estrutura do existente-predicamental é uma estrutura susceptível de duas modalidades fundamentais, que podemos chamar de autêntica e inautêntica. Todo existente-predicamental é colocado na possibilidade dessa opção.

Como já vimos, a existência do existente-predicamental é basicamente uma co-existência. Esta modalidade da existência, sob forma deturpada, é especialmente evidente na existência inautêntica, pois que é um existir sob a dominação do Impessoal.

O Impessoal exerce em tôdas as formas da existência inautêntica uma tirania pesada, utilizando, em vista da sua dominação, todos os meios possíveis, dos quais o principal, porque o mais eficaz, é a linguagem. O Impessoal leva o existente-predicamental a perder-se na inautenticidade do palavrório. Nessas condições, o existente-predicamental habitua-se à idéia de que o Impessoal pensa por ele. Sem ele sente-se perdido.

O elemento fundamental do palavrório consiste em cortar tôda relação entre aquilo que se diz e o objeto do qual se fala. Porque há elementos suficientes para a

identificação superficial da realidade, a conversa banal ou palavrório pode contentar-se com esta não-verdade.

Originariamente, a linguagem tem por objetivo colocar-se em contacto com o real. É um intermediário, tendo por objetivo imediato relacionar aquêle com quem falo ou o objeto de qual falo comigo. Ora, o palavrório quotidiano tende à converter o MEIO em FIM. O palavrório quer ser aceito e escutado sem que o interlocutor acabe de persuadir-se por uma relação imediata com o existente. O existente-predicamental que existe inautênticamente, caindo vítima desta forma inautêntica da linguagem, tende menos ao objeto do que aquilo que se diz a respeito do objeto. A palavra torna-se objeto, de sinal que era. A conversa banal acaba destruindo a capacidade de tóda compreensão exata. A linguagem que devia ser o vínculo existencial entre os existentes-predicamentais na Co-existência torna-se palavrório em comum e interêsse neste palavrório.

O discurso inautêntico (que podemos identificar com o discurso quotidiano) aparece assim como a maneira de ser de uma existência e de uma interpretação da existência inteiramente desraizada de tóda relação profunda e real consigo mesmo, com o outro e com o mundo. Ele fala de tudo sem ter a mínima coisa a dizer. Interassa-se em tudo sem entrar num verdadeiro contacto com qualquer que seja.

O vazio existencial que invade a existência inautêntica, e do qual o palavrório é o primeiro índice, nos mostra que estamos frente a um modo fenomenal muito real e até obstinado. Este modo da existência inautêntica pode ser superado só a custa de esforços quase heróicos.

Esta realidade é, aliás, extremamente geral e estende-se a tóda existência na totalidade das suas manifestações. Tendo perdido o verdadeiro contacto com o ser da existência autêntica, o existente-predicamental limita-se a assimilar aparências. Não podendo penetrar mais, aceita sòmente ver. Desenvolve uma curiosidade superficial que o faz saltar, sem parar, de uma aparência para outra. Procura novidades, não para compreendê-las, mas para distrair-se. Quer novidades por novidades, pois que é preciso encher o vazio das conquistas passageiras. Quer sempre novas conquistas, cada uma sendo mais superficial que a precedente.

A curiosidade quotidiana, que está na base desta atitude nada tem a ver com o «TAUMAZEIN», que é a fonte da descoberta e revelação do Ser enquanto Ser. Pelo contrário, a curiosidade quotidiana dá lugar apenas à dispersão, à agitação esteril à volubilidade. O existente-predicamental acredita encontrar a ipsiedade na agitação perpétua que é, na verdade, apenas uma tentativa para esconder de si emsmo a sua verdadeira situação.

Donde vem esta curiosidade? De tóda parte e de parte alguma. Ela torna o existente-predicamental incapaz de penetrar o valor existencial daquilo que passa diante dos olhos. A curiosidade contribui para agravar o desraizamento da existência, criando uma série de instantes, de «presentes sem presença», que estão em direta oposição ao presente autêntico.

A agitação provocada pela curiosidade faz com que tóda reflexão profunda se torne mais difícil, levando ao esquecimento e à perda de si. Tudo quanto se julgava pensado, e bem pensado, a liberdade e os poderes, o cidadão e o seu heroísmo, o humanismo formal e real, tudo cai em ruínas.

A ação conjunta do discurso cotidiano e da curiosidade prendem o existente-predicamental na existência inautêntica. Ele permanece num equívoco constante e irremediável. Pois não sabe mais o que ignora, e ignora que sabe. Sente-se numa situação em que a própria história e o tempo, como as suas explicitações existenciais, a historicidade e a temporalidade o excedem ensurdecido pelos acontecimentos ou por episódios ruídos na espera de que sob o tumulto se fará uma espera.

E a incerteza e o desespero que gera esta situação estende-se ao mundo, ao outro e a si mesmo. O existente-predicamental que vive uma existência inautêntica já não vê mais o outro existente-predicamental a não ser através daquilo que «sabe» dêle, daquilo que entendeu falar dêle. Aparentemente conhece tudo, porque fala de tudo e se interessa por tudo. Na realidade, o existente-predicamental enquanto permaneça na existência inautêntica, tem pouco e não é muito mais. Perde toda possibilidade real de ação, deixando-se dominar por caprichos e generalidades sem consistência, que o obsecam com respeito às suas possibilidades autênticas.

F. A Modalidade Autêntica da Existência do Existente-Predicamental.

Quando o existente-predicamental assume todo o peso da sua existência, lançando-se no âmago das suas possibilidades pessoais e inter-pessoais de existência, ele já pode considerar-se à beira da existência autêntica.

Na existência autêntica, o existente-predicamental reconhece que embora seja marcado pela finitude de uma situação em que foi lançado sem o querer, que embora desempenhe a sua existência no meio de mil precariedades, ele pode e deve mostrar-se digno da sua vocação de pastor do Ser, de ser o existente em que subsista o diálogo com o Ser, e aquele que, em todos os sentidos da palavra dêle sai, julga-o acolhe, repele, transforma.

Aceitando lucidamente as condições concretas da sua existência, pois o existente-predicamental pode, e às mais das vezes de fato vive numa dispersão tal que ignora estas condições, ele assume a responsabilidade da sua atuação. Esta atuação leva-o à realização das suas possibilidades de ser as mais próprias, as mais pessoais. Assim é que ele compreende e projeta a luz da sua própria originalidade no mundo em que ele deve realizar os seus projetos e viver a dialética com o Ser.

Os elementos componentes desta modalidade da existência autêntica do existente-predicamental são: a voz da consciência moral, o projetar-se, a historicidade, e a temporalidade.

I. A Consciência moral, Índice da Existência Autêntica.

A existência autêntica é uma existência que reapodera-se de si, arrancada do domínio e da dispersão do Impessoal. A existência autêntica é o resultado de uma opção aberta a tudo, jamais fixada nos seus horizontes, sem outro mistério além da própria transparência. Embora a escolha não seja nem necessária, e nem uma vez feita irrevogável, mesmo antes do existente-predicamental poder optar por uma ou outra, um destes modos já existia, e este modo é sempre o modo

inautêntico. Então, embora não haja necessidade de êle escolher a existência autêntica, ela é sempre o objeto de uma escolha, de uma opção explícita.

Esta opção explícita que radicaliza a existência autêntica exige como primeiro passo mudança radical na existência quotidiana. Encontramos a manifestação patente desta mudança, ou pelo menos o seu esboço na voz da consciência moral. A consciência moral pertence essencialmente à existência autêntica do existente-predicamental como seu espêlho ou reflexo, e lhe serve de amparo.

De modo geral, o existente-predicamental, sob a dominação do Impessoal, vive numa constante alienação de si. Só a intervenção de acontecimento capaz de quebrar este círculo tornará possível a volta para si num autêntico salto de liberdade existencial. Êste acontecimento é a intervenção radical da consciência moral que interpela o existente-predicamental no meio da dispersão e da banalidade quotidiana, interpelação que êle não pode nem esquivar, nem ignorar, pois escapa totalmente aos moldes de ação do Impessoal e da possibilidade de fuga que a existência inautêntica lhe oferece. A única alternativa à aceitação dêste apêlo é uma recusa explícita com tôdas as conseqüências que esta recusa acarreta.

O apêlo da voz da consciência moral repercute em nós com fôrça que faz cair por terra a pseudo-estrutura que é a existência inautêntica quotidiana. Todavia, a voz que nos interpela é um apêlo silencioso, pois tôda palavra é mundana, ligada essencialmente a algo, e eleva necessariamente à fuga de si, ao passo que a interpelação silenciosa da consciência moral obriga àquele que a escuta a manter-se no silêncio do encontro consigo mesmo.

Ê a voz da consciência moral que chama o existente-predicamental a desligar-se do Impessoal e, portanto, da existência inautêntica, i.é, de retirar-se da dissipação do momento fugaz para enfrentar-se consigo mesmo diante das suas autênticas possibilidades, possibilidades estas muitas vêzes esquecidas, ou pelo menos negligenciadas. A voz da consciência moral convoca o existente-predicamental a optar por uma possibilidade de ipseidade até lá recalcada. Neste mesmo ato de opção a consciência moral supera o Impessoal, e superando-o, abre para o existente-predicamental a possibilidade de aniquilá-lo.

A voz da consciência moral, não oferece nenhuma possibilidade de equívoco, mas o equívoco pode surgir na maneira de o existente-predicamental responder a seu apêlo, na sua reação face a esta interpelação já que sempre haverá o perigo de uma possível intervenção de último momento por parte do Impessoal.

Já que a consciência moral é apenas a encarnação da liberdade do existente-predicamental-em-situação, a sua voz é a de um convite, e não a de um mandato. A voz da consciência moral não dita nem conselhos, nem julgamentos peremptórios sôbre as coisas mundanas na sua concreção opaca. Ela pretende apenas despertar o existente-predicamental, mostrando-lhe aquilo que deveria de ser a sua situação original, as suas possibilidades autênticas.

2. Uma Análise Ontológico-Existencial da Historicidade.

Já que tôda a nossa analítica das modalidades estruturais do existente-predicamental, inclusive a da consciência moral visa abrir o caminho para a compreensão do Ser enquanto Ser, o método fenomenológico nos mostra que o próprio significado em cuja conexão podemos falar do existente-predicamental como pórtico para a compreensão do ontológico não eclode enquanto explicitação da teoria científica, enquanto explicitação de sistema, cujo valor consistiria apenas na sua certeza enquanto

conhecimento, e sim enquanto fato histórico e base da historicidade do próprio existente-predicamental.

Até a própria palavra SER, nunca fala a não ser historicamente. A Ontologia é história na medida em que desdobra o acontecer do ser do existente-predicamental em suas referências essenciais com o existente como tal na totalidade, segundo possibilidades imperscrutadas, i.e. futuras, e assim também as realiza ao princípio de seu pretérito vigente, dando-lhes desta forma, pêsso e perspicácia no presente. A Ontologia é ciência na medida em que sua necessidade histórica a liberte e fortaleça na indestrutível unidade de teoria e prática.

Nesta perspectiva, o próprio fato histórico não é apenas uma verdade do conhecer, mas sim do acontecer, pois a estrutura e mobilidade do acontecer ligam-se ao Ser, assumindo no existente-predicamental o modo existencial que é a historicidade.

A historicidade principia com o desvendamento do existente-predicamental em-situação no mundo em que êle adquire nova perspectiva sôbre o Ser, a partir da sua própria facticidade, cuja perspectiva culmina na descoberta da historicidade como determinação fundamental do existente-predicamental situado, alcançando assim a possibilidade de realizar um ato radicalmente modificado, com a nova compreensão da realidade.

Como a existência do existente-predicamental é essencialmente «PRAXIS» no estar-em-situação no-mundo, o existente-predicamental assume uma atitude concreta diante destas possibilidades e traz à luz a tarefa por si própria concedida. Ao fazer a história, o existente-predicamental faz-se a si mesmo nas suas estruturas mais profundas. Para atuar assim, o existente-predicamental deve exteriorizar-e, objetivar-se, a esta ação situacional é que forma o tecido da historicidade enquanto é transcendência perpétua de si mesmo.

É a historicidade que torna o existente-predicamental significante diante de todos os desvios fácticos. O existente-predicamental é essencialmente histórico. Mediante a situação histórica, assinalada pelas possibilidades do existente-predicamental na historicidade, êle toma consciência de que a história não é longa e interminável série de fatos do passado, mas antes experiência cumulativa a completar, a revelação da profundidade e a relização da fôrça infinita que vive escondida no mais profundo de um existente que originalmente não é nada e que no entanto deve tornar-se tudo.

A historicidade, enquanto possibilidade humana em transcurso, é modificação em cada momento. Assim, cada nova geração tem por missão desenvolver a herança a ela transmitida, modificá-la ou transformá-la totalmente quando não mais corresponda às modificadas circunstâncias. É nestas circunstâncias que o existente-predicamental terá de justificar o seu valor de enteléquia histórica por criações sempre novas e cada vez mais adaptadas à sua missão dentro do conjunto dos existentes.

O mundo histórico não é cadeia de fatos e acontecimentos, mas sim incessante conquista no sentido de adaptar o mundo em que existe o existente-predicamental em-situação às crescentes possibilidades da totalidade dos existentes-predicamentais.

É a historicidade que enraíza o existente-predicamental na existência histórica entendida como acontecer, agir, e sofrer pelo presente, determinado pelo fu-

turo, assumindo o pretérito vigente; história entendida como simultaneamente diacrônica (enquanto procura restituir, na sua integralidade o processo de aspectos múltiplos que permitiram tais relações se cristalizarem) e sincrônica (enquanto traz à luz da existência de certo número de relações inteligíveis entre os termos, e se esforça por prever aquilo que no futuro poderia resultar o jôgo normal dessas relações). A historicidade enraíza necessariamente a existência do outro, e o próprio acontecer histórico da existência é existência em e com sua geração.

Entre a historicidade e o conceito filosófico, que jamais rompe os seus laços com o mundo, as relações são tão estreitas quanto se quiser, não todavia porque um mesmo sentido equívoco habite o real e o racional (como Hegel e Marx de diferentes maneiras pensavam), mas porque o «real» e o «racional» são demarcados no mesmo tecido, que é a existência histórica do existente-predicamental, e porque por ela, por assim dizer, o real é prometido à raíão.

A história em vez de ser uma longa e interminável série de erros é antes uma experiência cumulativa a completar, modo ou método de explicação que intervém para completar ou para aprofundar as explicações teóricas na administração comum da «razão das coisas.» Nem podemos considerar o mundo histórico como uma cadeia de fatos e acontecimentos, mas sim como uma incessante conquista, no sentido de adaptar o mundo às crescentes possibilidades da totalidade da humanidade, as possibilidades do ato radical, da própria existência, a qual deve liberar uma nova realidade necessária enquanto realização do existente-predicamental total.

A Ontologia está em tôda a parte, mesmo nos fatos mais banais, e não há em parte alguma domínio onde se encontre preservada do contágio, jamais desonerada das importações históricas. É assim que Ontologia história e historicidade levam o péso mútuo do processo no seu íntegro de aspectos múltiplos em que o existente-predicamental, sujeito real, é colocado como o agente ao qual as significações estão ligadas, esta continuidade sendo tanto aquela de seus destinos e projetos, quanto das conseqüências que provém da sua realização, e que podem, evidentemente ser diferentes das que êle esperava.

3. A Temporalidade, Modo Existencial Determinativo da Estruturação Autêntica do Existente-Predicamental.

A temporalidade é o modo existencial que determina o próprio ser estrutural da existência autêntica do existente-predicamental, pois é sempre uma existência que se desenrola dentro de uma situação histórica, e quem diz história, diz ao mesmo tempo temporalidade.

É a própria estrutura ontológica do estar-em-situação-histórica-no-mundo que salienta a forma precisa sob a qual irrompe a temporalidade no Ser. A temporalidade encontra-se sob forma autêntica e original como condição das próprias articulações da historicidade.

Passado, presente, futuro formam a base da temporalidade, pois o existente-predicamental realiza os seus modos existenciais dentro do horizonte destas três dimensões. Estas três dimensões são fatos na esfera fenomênica e portanto são mensuráveis, mediante a subordinação das suas relações temporais fenomênicas e as durações mensuráveis à existência do existente-predicamental nelas dadas.

Todavia, o existente-predicamental não vive no interior do tempo dito fenomênico, que é um dado do fluxo dos processos anímicos interiormente percebidos, nem tampouco o tempo objetivo da física que é sinônimo com o tempo fenomênico, porém deformado e desqualificado.

É a temporalidade que marca a existência do existente-predicamental historicizante, que inaugura o ciclo, o campo que torna possível a conquista de uma contra-corrente com o presente faticamente existente, noutras palavras, que torna possível o salto de liberdade que integra o existente-predicamental dentro do conjunto dos existentes e dentro do próprio Ser.

Graças à temporalidade, a existência do existente-predicamental, em vez de abrir brechas no tempo, continua o trilho dos momentos precedentes. A existência do existente-predicamental não sai fora do tempo para um mundo puramente inteligível, nem se sente obrigada a recriar a cada momento o seu significado a partir do ponto zero. A temporalidade é a flecha que arrasta tudo consigo, e faz com que a existência do existente-predicamental nos seus diversos momentos se embriaguem uns nos outros.

Existir dentro da dimensão da temporalidade significa colocar-se simultaneamente dentro da linha tempo-espacial, que vai de cada existente-predicamental ao horizonte do movimento dinâmico da existência-em-situação. Sob as ordens cruzadas, mas distintas do sucessivo e do simultâneo, sob a seqüência das sincronias que se acrescentam linha a linha, o existente-predicamental executa os seus atos, transformando-se dentro da temporalidade que determina basicamente a realização das suas possibilidades projetadas na existência autêntica.

4. O Projetar-se, Estrutura Explicativa da Existência Autêntica.

O projetar-se é o fundamento que sustenta e determina o existente-predicamental na existência autêntica. Assim como o Ser fundamenta-se no pensar que se revela no existente-predicamental na determinabilidade, tornando-se o pórtico para a compreensão do Ser, também o ser dêste mesmo existente encontra o seu coroamento na existência autêntica que tem por explicitação normativa o projetar-se, aquela modalidade existencial que confere ao existente-predicamental a capacidade de viger e vigorar como correspondência às exigências de uma integração dentro de uma totalidade às suas possibilidades autênticas. O projetar-se é o caminho de uma realização não mais hipotética, mas real, das possibilidades de uma existência autêntica.

Todavia, o projetar-se não é um esboço, estático ou ideal, mas sim um perpétuo ir e vir das diversas modalidades existenciais que constituem o existente-predicamental não apenas ontológico, mas essencialmente ôntico. No projetar-se, estas estruturas são reunidas numa totalidade e esta totalidade nas suas explicitações depende inteiramente do inter-relacionamento e equilíbrio das suas estruturas constituintes. Pois o projetar-se é tal que toda e qualquer modificação de uma estrutura acarreta modificação correspondente nas outras estruturas e relações.

Do próprio fato do projetar-se não ser um esboço abstrato, estático ou ideal, torna-se evidente que êle é necessariamente um equilíbrio precário, sempre a se refazer por um esforço renovado, entre a multiplicidade de possibilidades do

qual o projetar-se atual representa apenas um aspecto; equilíbrio entre possibilidades específicas de graus em profundidade, de formas, de temporalidades, e conforme o caso, opções funcionais.

O projetar-se assume uma estrutura pluridimensional que aponta a existência renovada e sempre renovável que é a existência autêntica.

G. O Mundo em que Existe o Existente-Predicamental

Para esclarecer e entender o ser do existente-predicamental em-situação, é indispensável um estudo do elemento estrutural MUNDO. A questão não consiste em procurar enumerar o que há no mundo: animais, plantas, objetos, outros existentes-predicamentais etc., porque mesmo se conseguíssemos descrever, da maneira mais completa, as diversas espécies de existentes intra-mundanos, nunca chegaríamos por êste método a apanhar o mundo tal qual, mas apenas o que há no mundo.

O mundo em que existe o existente-predicamental não é uma realidade no interior da qual, dentro da qual se desenrola uma existência que não lhe diz respeito e vice-versa. Trata-se, pelo contrário, da mais íntima relação, pois esta união é constitutiva da ipseidade do existente-predicamental, como o é também do mundaneidade do mundo.

Contrário ao senso comum e à tôda a sua evidência, o mundo não é a simples soma dos objetos que contém. Pelo contrário, é preciso explicar êstes mesmos objetos pelo mundo, e não o mundo pelos objetos. Pois é impossível pensar nos objetos como totalidade sem englobá-los no mundo. É preciso dispor de antemão da idéia de mundo para sintetizá-los, idéia já incluída em todo objeto. Os próprios objetos são por si incapazes de fornecer esta idéia, pois não é possível passar sem ruptura do fato «físico» para a obrigação moral, da realidade material para o objeto jurídico, da utilidade para o valor ético. Não se concebe, noutras palavras, um objeto que não pertença, pelo próprio fato de existir, a um mundo. O objeto, como o próprio existente-predicamental, é à sua maneira um existente no-mundo.

O mundo, identificado com a natureza, objeto das ciências ditas naturais, é apenas uma abstração calcada sôbre os objetos concretos. Manda-nos de volta constantemente para êstes e às suas dificuldades. Noutras palavras, pressupõe aquilo que nós procuramos.

O que mais é, o mundo não é apenas um mundo de objetos: é sobretudo e antes de tudo, o mundo do existente-predicamental com todos os seus valores. De tal forma que a análise do mundo é uma peça central da analítica da existência do existente-predicamental, pois é ela que nos permite relacionar a subjetividade à finitude, a teoria do conhecimento à ontologia, e, afinal de contas, a verdade ao Ser. Trata-se de transformar a noção tradicional do mundo, pois se o mundo não pode ser tomado como um modo exclusivo dos objetos, se, noutras têrmos, os existentes devem sempre pressupor e de fato pressupõem o mundo, talvez seja possível descobrir o mundo sob a forma de um modo existencial do existente-predicamental.

O que está em questão é precisamente a MUNDANEIDADE DO MUNDO, isto é, aquilo que constitui o mundo como tal, abstração feita de saber se se trata de um mundo PESSOAL ou do mundo COMUM ou PÚBLICO.

O conceito MUNDO pode tomar vários sentidos. Êste conceito pode entender-se como um têrmo para designar a totalidade dos existentes presentes no seio

do mundo. Neste sentido o termo refere-se apenas ao existente, sem penetrar até o ser do existente.

O termo pode significar ainda o ser do existente. Neste sentido o conceito visa uma região determinada do existente. Esta região contém, aliás, uma diversidade de existentes. Assim, o mundo do físico, do artista, do agricultor, etc.

O conceito MUNDO pode referir-se também ao próprio existente-predicamental e é este sentido que nos interessa particularmente. Aqui, mundo quer dizer o ambiente no qual vive o existente-predicamental concreto. Por exemplo o mundo pessoal, ou o mundo público. Este sentido difere do primeiro no seguinte: o existente ao qual se refere aqui é o próprio existente-predicamental. Limita-se, então, a indicar como o existente-predicamental vive realmente, sem esforçar-se em analisar a estrutura intrínseca que possibilita esta vida.

Sabemos que o existente-predicamental deve sempre e necessariamente tomar uma atitude de Interesse-Vital frente à sua existência para depois projetar-se nas suas possibilidades autênticas. Este fato está inseparavelmente ligado a uma certa compreensão do seu ser no MUNDO.

Mas, há uma diferença entre a compreensão ordinária, comum, do ser do mundo, sem o qual a existência do existente-predicamental seria impensável, e a compreensão temática, explícita (que coloca a questão do sentido do ser do mundo) e que constitui a compreensão ontológica propriamente dita.

Como o existente-predicamental existe no seu mundo no próprio ato de existir, a compreensão do seu ser e do ser do mundo é, sob este plano, uma compreensão existencial, o que quer dizer uma compreensão em estrita relação com sua existência de fato.

Há um último sentido do termo MUNDO, que designa a própria noção ontológico-existencial da mundaneidade. Esta noção é ontológica porque visa a própria estrutura do ser do mundo, aquilo que pertence necessariamente a cada mundo tal qual. E é existencial pelo fato de que se compreende como elemento estrutural do existente-predicamental. Este sentido será analisado depois de considerarmos a problemática do ser do existente a-predicamental, elemento indispensável para entendermos o ser do mundo.

(a ser continuado)